

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

DANIEL FERRAT DA SILVA MACÊDO

A FORMAÇÃO TEATRAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: uma produção artística teatral
na Escola Estadual Professora Alda Barata - AM

MANAUS
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

DANIEL FERRAT DA SILVA MACÊDO

A FORMAÇÃO TEATRAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: uma produção artística teatral
na Escola Estadual Professora Alda Barata - AM

ARTIGO apresentado à Banca de defesa, junto
ao Mestrado Profissional em Artes-
PROFARTES.

Linha – Processos de Ensino, aprendizagem e
criação em artes.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves

MANAUS
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M141f Macêdo, Daniel Ferrat da Silva
A formação teatral na educação básica : uma produção artística teatral na Escola Estadual Professora Alda Barata - AM / Daniel Ferrat da Silva Macêdo . 2023
28 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Luiz Davi Vieira Gonçalves
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Teatro. 2. Formação de leitores de espetáculos. 3. Elementos Cênicos. 4. Recepção Teatral. I. Gonçalves, Luiz Davi Vieira. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

DANIEL FERRAT DA SILVA MACÊDO

A FORMAÇÃO TEATRAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: uma produção artística teatral
na Escola Estadual Professora Alda Barata - AM

ARTIGO apresentado à Banca de defesa, junto ao Mestrado Profissional em Artes-
PROFARTES. Linha – Processos de Ensino, aprendizagem e criação em artes.

Aprovado em: 24/02/2023

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador:
Prof. Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves

Membro:
Prof(a) Dr(a) Eneila Almeida dos Santos

Membro:
Prof(a) Dr(a) Gislaine Regina Pozzetti

MANAUS
2023

RESUMO

Este artigo traz um relato do processo de formação de espectadores, junto a duas turmas de 8º ano do ensino fundamental II da Escola Estadual Professora Alda Barata durante o ano de 2022. Concentra-se no questionamento de como a escola pode contribuir no desenvolvimento de futuros leitores de espetáculos teatrais dentro do contexto escolar, focando nas leituras e fruções dos estudantes em relação à obra artística. A metodologia empregada foi a pesquisa-ação, considerando ser este pesquisador professor das turmas. O processo abordou o estudo de duas obras artísticas teatral, com foco nos elementos cênicos: cenografia, figurino, sonoplastia, iluminação e maquiagem, cujo embasamento teórico os conduziram a uma montagem escolar. Ao documentar esse processo, conclui-se que a escola é um espaço de conhecimento e experimentação artística que ressoa no cotidiano dos estudantes para toda a vida.

ABSTRACT

This article is about a study that has been carried out in the year 2022 in which the formation of the spectator was worked within the school context, with two classes of 8th grade of elementary school II of the State School Professora Alda Barata. Aiming to promote the training process of the spectator within the school context, focusing on the readings and enjoyment of students in relation to theatrical artistic work, focusing on theatrical scenic elements: scenography, costumes, sound design, lighting and makeup. The methodology developed was action research, which within this method the researcher must take into account the collective, the transformation of the community that is inserted in it and the social contribution of the environment that the researcher is part of the studied object. The process of studying these elements of the scene resulted in an artistic theatrical production produced by the students. This research also seeks to contribute to studies on the training of theatrical spectators in basic education in public schools, as well as to document the entire training process.

Palavras-Chave: Teatro, Formação de leitores de espetáculos, Elementos Cênicos, Recepção Teatral.

INTRODUÇÃO

Propõe-se neste artigo relatar o processo de formação de leitores de espetáculos na Escola Estadual Professora Alda Barata, junto a duas turmas de 8º ano do ensino fundamental II, localizada no bairro de flores na cidade de Manaus-AM, sendo esse processo desenvolvido através de leituras e estudos teóricos, assim como experimentos de cenas.

Dando aporte a esse caminhar, recorreremos à autora e diretora teatral Viola Spolin (2010), para quem o “experenciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele”, e desta forma, oportunizar aos estudantes se relacionar com a criação prática da cena teatral em sala de aula, focalizando nos elementos: cenografia, figurino, iluminação, maquiagem e sonoplastia.

Durante minha graduação no Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas-UEA fui monitor de um projeto de formação de leitores de espetáculos, o projeto tinha como principal objetivo promover a formação de leitores de espetáculos dentro de escolas públicas na cidade de Manaus-AM. As atividades se constituíam em proporcionar ao estudante ir até os espaços teatrais para apreciação do espetáculo e logo após se fazia uma roda de conversa sobre a peça assistida, todo esse processo relatei como experiência acadêmica em minha pesquisa de conclusão do curso.

Os principais autores que utilizei durante o projeto de formação de leitores de espetáculos teatrais (ainda na graduação em teatro), foram: Bertolt Brecht (1978), autor este que reconhece no público o poder da crítica e coloca no palco “por meio de uma técnica que de forma alguma era fácil, o ator distanciava-se da personagem que representava e colocava as situações da peça sob um tal ângulo que sobre elas vinha infalivelmente a incidir, a crítica do espectador” (BRECHT, 1978, p. 67).

Por outro lado, o professor e pesquisador Flávio Desgranges (2006), me fez compreender “que o contemplador, em seu ato de elaboração do sentido presente nos signos utilizados pelo autor, pode ser visto como um coautor da obra” (DESGRANGES, 2006, p. 28) e o dramaturgo Augusto Boal (2009) diz que “o espectador-cidadão se multiplica por dois: é quem é, e se torna parte da sua própria

obra de arte teatral sendo o personagem”. Tais autores tratam o público não somente como um apreciador da arte teatral, mas também como um ser humano que a partir das vivências teatrais pode transformar seus pensamentos como indivíduo e como sociedade.

Em 2021, em meio a pandemia do COVID-19, surgiu a oportunidade de ingressar no programa de pós-graduação – ProfArtes - da Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC em parceria com a Universidade Federal do Amazonas-UFAM e Universidade Estadual do Amazonas-UEA, este programa de mestrado me proporcionou desenvolver uma pesquisa sobre a formação de leitores de espetáculos dentro do ambiente escolar como discente/bolsista (bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES).

Durante a minha graduação, tive a oportunidade de conhecer o método da pesquisa-ação, desenvolvida pelo Doutor Michel Thiollent (2008). A partir deste conhecimento, esta pesquisa se constituiria produtiva neste seguimento, isso porque seria a chance de colocar em prática as experiências adquiridas durante o meu projeto de extensão, além de ampliar meu conhecimento sobre este tema.

Inicialmente o curso de mestrado foi desenvolvido totalmente via internet, pois o período pandêmico não permitia aulas presenciais dentro das universidades públicas, sendo assim, foi necessário criar estratégias de execução da pesquisa seguindo duas linhas de possibilidades: primeira de forma presencial, caso as aulas nas escolas públicas retornassem à normalidade e uma segunda forma via internet, buscando métodos para que a pesquisa pudesse ser concluída.

As disciplinas, durante o curso, nos faziam planejar sobre as ações que realizamos no ambiente escolar e no desenvolvimento delas. Dentre os autores vale ressaltar Omar Calabrese (1993) com seu livro “Como se lê uma obra de arte”, onde fala que “a linguagem da crítica de arte não se dedicava exactamente à crítica militante, mas ao conjunto de palavras-chave que, em geral, caracterizam qualquer discurso sobre arte, desde a arqueologia até à arquitectura moderna, passando por cada uma das especializações históricas e por todos os objectos de estudo” (CALABRESE, 1993, p.14), o autor Clifford Geertz (2012) com o seu livro “O saber local” que diz “a conexão central entre a arte e a vida coletiva, no entanto, não contra neste tipo de plano instrumental e sim em um plano semiótico” (GEERTZ, 2012, p.103).

Antes de seguir para meu relato de experiência, penso ser importante substanciar minhas fontes e inspirações com autores contemporâneos que reflitam a recepção de um espetáculo teatral que “traça uma longa e sinuosa trajetória até se concretizar enquanto ato propriamente artístico, o que acontece efetivamente no modo com que é percebido pelo espectador/participante” (DESGRANGES, 2017, p21), o autor ainda sobre a recepção no teatro revela

O que se espera do espectador, assim como do artista, é que trate as palavras de sua língua como quem opera com uma língua estrangeira, que estranhe os sentidos comumente atribuídos a cada significante e se disponha a empreender experiências com a linguagem, a inventar outro modo operativo, subvertendo os regimes consensuais. E recuse uma espécie de instantaneidade na emissão e na percepção dos significantes, como se os sentidos fossem gerados por vontade própria; o que confere ao indivíduo a incômoda sensação de um mero transmissor ou receptor de algo, uma quase vítima de um discurso indireto, que habita, molda a sua fala e a sua escuta, e o submete a um circuito restrito, que o faz passar incessantemente da palavra de ordem à ordem silenciosa das coisas, e vice-versa. (DESGRANGES, 2017, p.38)

Autor que investiga sobre a recepção no teatro em seu grupo de pesquisa, Instável Núcleo de Estudos de Recepção Teatral – iNerTE, buscando relacionar os estudos teóricos realizados com as experimentações práticas propostas pelo núcleo. O objetivo central desses estudos pode ser definido como a tentativa de colocar o participante, espectador do evento, em condições de perceber a si mesmo, mantendo-se atento aos próprios processos receptivos, que engendra enquanto assiste às cenas e atua nas proposições artísticas. (DESGRANGES, 2019, p. 91)

Outra autora me apoio para o desenvolvimento desta pesquisa é a Giuliana Simões (2017) dizendo que

No caso da arte teatral, podemos compreender que surge entre o palco e a plateia um espaço necessário de criação, que se refere ao que está proposto em cena, mas que se faz também a partir das associações e invenções próprias a cada participante. Esse espaço repleto de referências que se estabelece entre a cena e a sala, e se abre em um amplo feixe de significantes a serem associados, combinados pelo espectador, torna-se perceptível desde o início do espetáculo - ou antes mesmo de seu início - e se mantém durante todo o evento - e pode perdurar por tempo indefinido, mesmo depois de finalizado o evento. (SIMÕES, 2017, p.366)

Nessa perspectiva e em contexto escolar, busco em minha pesquisa acadêmica, dentro do curso de mestrado (ProfArtes), o processo de formação de leitores de espetáculos no contexto escolar, para que os alunos possam apreciar e decodificar os mecanismos cênicos colocados no palco, revelando uma autonomia na análise do fazer teatral.

O dramaturgo, poeta e encenador alemão, Bertolt Brecht, em seu livro “Estudos sobre Teatro”, afirma crer que o mundo “pode ser reproduzido, mesmo no teatro, [...] somente se for concebido como um mundo suscetível de modificação” (BRECHT, 1978, p.07), evidenciando a preocupação com necessidade da quebra de passividade de quem assiste a obra teatral. Brecht (1978) buscava que o espectador saísse de sua zona de conforto e passasse a ser protagonista de suas próprias ações, ou seja, o que se assistia no teatro deveria tocar a plateia de tal maneira que mudasse o meio em que ela vive. Em uma análise comparativa entre o Teatro Épico¹ e o Teatro Dramático², o autor destaca esse desejo transformador da crítica do espectador.

Não mais era permitido ao espectador abandonar-se a uma vivência sem qualquer atitude crítica (e sem consequências na prática), por mera empatia para com a personagem dramática. A representação submetia os temas e os acontecimentos a um processo de alheamento indispensável à sua compreensão. Em tudo o que é evidente, é hábito renunciar-se, muito simplesmente, ao ato de compreender. O que era natural tinha, pois, de adquirir um caráter sensacional. Só assim as leis de causa e de efeito podiam ser postas em relevo. Os homens tinham que agir de determinada forma e poder. simultaneamente, agir de outra.

Foram, de fato, modificações de monta.

Para um confronto esquematizado entre o teatro dramático e o teatro épico, v. *Notas sobre a Opera Grandeza e Decadência da Cidade de Mahagonny* (pág. 11),

O espectador do teatro dramático diz: - Sim, eu também já senti isso. - Eu sou assim. - O sofrimento deste homem comove-me, pois é irremediável. É uma coisa natural. -

¹ “Se nos é contada uma estória (em versos ou prosa), sabemos que se trata de Épica, do gênero narrativo. Espécies deste gênero seriam, por exemplo, a epopéia, o romance, a novela, o conto.” (ROSENFELD, 1985, p.17)

² “Se o texto se constituir principalmente de diálogos e se destinar a ser levado à cena por pessoas disfarçadas que atuam por meio de gestos e discursos no palco, saberemos que estamos diante de uma obra dramática (pertencente à Dramática). Neste gênero se integrariam, como espécies, por exemplo, a tragédia, a comédia, a farsa, a tragicomédia, etc.” (ROSENFELD, 1985, p.17 e 18)

Será sempre assim. - Isto é que é arte! Tudo ali é evidente.
- Choro com os que choram e rio com os que riem.
O espectador do teatro épico diz: - Isso é que eu nunca pensaria. - Não é assim que se deve fazer. - Que coisa extraordinária, quase inacreditável. - Isto tem que acabar.
- O sofrimento deste homem comove-me porque seria remediável. - Isto é que é arte! Nada ali é evidente. - Rio de quem chora e choro com os que riem.” (BRECHT, 1978, p.47 e 48)

Sobre as intenções de Brecht e o seu Teatro Épico, Anatol Rosenfeld (1985), expressa-se que “desta forma o público reconhecerá que as próprias condições sociais são apenas relativas, e como tais, fugares e não ‘enviadas por Deus” (ROSENFELD, 1985, p. 151), certo deste discurso surge a possibilidade de que o aluno pode ser o protagonista de suas ações dentro e fora da escola, observando, analisando e concebendo uma opinião sobre os acontecimentos ao seu redor, ou seja, podendo até desenvolver uma criticidade sobre o espetáculo teatral.

O dramaturgo Augusto Boal, inspirado pelas ideias de Brecht, (1931-2009), desenvolve no Brasil, no final do século XX, a Estética do Oprimido, como uma jornada democrática e subjuntiva, que

visa, através da arte, permitir ao cidadão questionar dogmas e certezas, hábitos e costumes que suportamos em nossas vidas. Visa analisar cada ação e cada fato que acontece dentro de circunstâncias concretas. Visa destruir coroas de circuitos neuronais refratárias e agressivas... mas não indestrutíveis”. (BOAL, 2009, p.158)

Neste âmbito Boal (2009) foi essencial no processo de formação de leitores de espetáculos dentro do ambiente escolar, pois com base em seu livro “Jogos para atores e não atores”, os alunos puderam experimentar jogos teatrais estimulando o pensamento crítico em relação a cena.

Boal (2009), em seu livro *O teatro do Oprimido*, revela que:

A poética de Brecht é a Poética da Conscientização: o mundo se revela transformável e a transformação começa no teatro mesmo, pois o espectador já não delega poderes ao personagem para que pense em seu lugar, embora continue delegando-lhe poderes para que atue em seu lugar. (BOAL, 2011, p. 236)

O encenador ainda desenvolve suas próprias metodologias cênicas teatrais dentro da Estética do Oprimido, em que define como sendo um desejo de que os

cidadãos, “por todos os meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem), se tornam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la” (BOAL, 2011, p. 16), e que “nenhum peixe é igual a outro peixe, mas todos se assemelham: eis o cardume” (BOAL, 2011, p. 98), todos somos iguais e diferentes ao mesmo tempo, por isso, somos ricos em nossas diversidades.

Boal ainda cria o conceito de *espect-ator*, no sentido que o ator que estava em cena poderia em um determinado momento se torna espectador do fazer teatral e vice-versa.

O espectador torna-se protagonista da ação, um espectador, sem que, entretanto, disso tenha consciência. Ele é o protagonista da realidade que vê, mas ignora a sua origem fictícia: atua sem saber que atua, em uma situação que foi, em seus largos traços, ensaiada... e que não teve a sua participação. (BOAL, 2011, p. 27)

Em um segundo momento, nesta pesquisa de mestrado trago autores que iniciaram o debate sobre a formação de leitores de espetáculos no teatro, como o pesquisador Flavio Desgranges, o qual já desenvolvia pesquisas no campo da formação de leitores de espetáculos. Em seu livro *Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo* (2003) Flávio Desgranges propõe:

Abrir o teatro, de fato, de maneira que o espectador se sinta participante efetivo de um movimento artístico, fazendo da instituição teatral um espaço comunitário, de todos e aberto a todos. E não um espaço restrito, reservado ao desfile de alguns poucos e inflados egos. (DESGRANGES, 2003, p.26)

Desgranges estuda estratégias, tais como “estudar e se posicionar ante a dimensão estética” (DESGRANGES, 2017, p. 24) dos espetáculos, com o intuito de trazer o espectador para mais próximo do fazer teatral, tratando-o como um elemento importante no processo de formação de leitores de espetáculos, neste caso aproximando os alunos do espetáculo de teatro e fazendo com que eles experimentem essa linguagem na prática. Levando em consideração as críticas e opiniões levantadas pelo estudante/espectador antes, durante e após assistir um espetáculo teatral.

Diante da proposta de Desgranges (2003) de formar leitores para o ambiente teatral, sinalizo que existe uma necessidade de compreensão dos elementos cênicos

inseridos no espetáculo. Em um primeiro momento especificamente da literatura teatral, que é a primeira ação desse processo de formação. Este texto dramático pode ser encaminhado para estudo e/ou análise em sala de aula durante os encontros de formação, sendo a base para as experimentações das cenas improvisadas, neste caso foi utilizado “A megera domada” de William Shakespeare adaptado pelo dramaturgo Walcyr Carrasco, entendendo que se faz necessário um diálogo entre o aluno e a obra literária, que posteriormente se tornará uma obra teatral.

Neste sentido a experimentação em sala de aula sobre a criação de cenas improvisadas com base no texto “A megera domada” requerem um melhor entendimento do fazer teatral, para que os alunos durante a apreciação consigam compreender o maior número possível de informações colocadas na cena e interpretá-las de forma contextualizada e reflexiva.

Estou utilizando nesta pesquisa de mestrado três principais teóricos teatrais: em primeiro lugar o dramaturgo e poeta alemão Bertolt Brecht (1898-1956), que focaliza no espectador em seu livro “Estudos sobre Teatro” (1978) e o trata como ser ativo na sociedade e que tem um importante papel dentro do contexto teatral; em segundo lugar o encenador e dramaturgo brasileiro Augusto Boal (1931-2009), em seu livro “A estética do Oprimido” (2009) e “Jogos para atores e não atores” (2011), que com suas metodologias teatrais entrelaça o espectador e ator, transformando os dois em uma só persona dentro de sua proposta metodológica; em terceiro lugar o pesquisador e diretor teatral brasileiro Flavio Desgranges, em seu livro “Pedagogia do teatro – Provocação e dialogismo” (2011) onde desenvolve pesquisas sobre o espectador, convidando-o a analisar a cena teatral assistida e fazer uma leitura poética através da recepção do espetáculo.

Com estes autores projetei uma pesquisa de formação de leitores de espetáculos dentro do contexto escolar na Escola Estadual Professora Alda Barata, com alunos do 8º ano do ensino fundamental II, onde sou professor de artes na Secretaria de Estado de Educação do Amazonas - SEDUC, desde 2016. Para essa pesquisa conto também com minhas vivências enquanto professor de teatro no Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro (instituição de ensino não formal ligada a Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas - SEC), de 2012 até 2022.

Dentro deste contexto profissional, planejei em um primeiro momento unir as experiências de sala de aula das duas instituições de ensino, pois essa pesquisa

necessitava que eu, professor de artes, levasse os alunos da SEDUC para assistir espetáculos teatrais como parte do processo de formação de leitores de espetáculos dentro deste ambiente escolar (esta ação faz parte do projeto de pesquisa).

Por outro lado, no Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro, onde lecionava no curso de teatro, os alunos necessitavam de plateia para assistir os espetáculos desenvolvidos em sala de aula, “o teatro não existe sem a presença deste participante fundamental com o qual dialoga sobre o mundo e sobre si mesmo. Sem espectadores interessados neste debate, o teatro perde conexão com a realidade que se propõe a refletir” (DESGRANGES, 2019, p.87), foi então que resolvi criar um cronograma de atividades dentro do projeto de mestrado para desenvolver a pesquisa unindo as duas instituições, até porque a proximidade entre os prédios também favorecia a pesquisa, ficando somente uma quadra de distância uma da outra, o Liceu no Sambódromo de Manaus-AM e a Escola Estadual Professora Alda Barata localizada na rua Barão de Ladário.

Em meados de abril de 2022 fui desligado do núcleo de teatro do Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro, tendo que modificar o cronograma de atividades para que pudesse concluir a pesquisa dentro da escola proposta no programa de mestrado, buscando alternativas para concluir o que havia projetado, como: selecionar espetáculos teatrais de grupos na cidade de Manaus-AM, ou exibir de forma gravada em sala de aula.

Enquanto procurava estratégias para solucionar os problemas que tive na execução da pesquisa, apliquei um questionário para entender o perfil dos alunos que estavam participando, sendo assim identifiquei que muitos alunos tinham dificuldades na compreensão técnica do espetáculo teatral, como identificar os elementos da cena e não tinha nenhuma vivência ou relação com a linguagem teatral. Nestas condições não seria interessante que os alunos fossem para a sala de espetáculo para assistir e analisar tal apresentação, pois nem ao menos sabiam identificar os elementos cênicos que estão presentes no palco.

Diante dessa deficiência de compreensão dos estudantes, achei necessário mudar o foco das ações dentro da pesquisa, transformando a formação de leitores de espetáculos dentro do contexto escolar em uma formação teatral dentro do contexto escolar, pois para que os alunos pudessem analisar os espetáculos teatrais no projeto, eles teriam que conhecer na prática os elementos da cena.

Foi então que mudei a estratégia da pesquisa, propondo aos alunos uma atividade em sala de aula, que chamei de “oficina da cena”, onde eles participaram de uma imersão no fazer teatral através de aulas expositivas sobre os elementos: 1 – cenografia, 2 – figurino, 3 – maquiagem, 4 – iluminação e 5 – sonoplastia e a criação de cenas improvisadas previamente selecionada por mim e com foco nestes elementos, com o propósito de desvendar os recursos cênicos utilizados em um espetáculo teatro de forma prática dentro da cena, focando nas leituras e fruições dos estudantes em relação à obra artística desenvolvida por eles.

Como a escola dispunha de livros paradidáticos na biblioteca procurei um texto no qual eu teria mais afinidade e que já conhecia. Diante disso, selecionei um pequeno trecho do texto “A megera domada” do dramaturgo inglês William Shakespeare com adaptação de Walcyr Carrasco, esta dramaturgia também tinha como referência a telenovela “O cravo de a Rosa” produzida pela rede globo de televisão, em 2000, e que naquele momento estava sendo reprisada na TV aberta, podendo ser utilizada como apreciação e referencial aos alunos no processo de construção das cenas.

Dentro deste trabalho de pesquisa utilizei a pesquisa-ação como método, pois já tinha contato durante o trabalho de conclusão de curso em licenciatura em teatro na Universidade do Estado do Amazonas-UEA, em 2014. Segundo o professor, pesquisador e consultor de metodologias para áreas de organização e formação, Doutor Michel Thiollent “a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (2008, p.16).

O autor aborda que o indivíduo, no caso pesquisador, faz parte do meio pesquisado, assim a problemática também diz respeito ao pesquisador. É certo que ao longo da pesquisa deve-se ter um comportamento de distanciamento das questões que as nortearam, podendo o pesquisador fazer reflexões e análise dos dados apurados, podendo também gerar respostas ou novos questionamentos acerca da problemática lançada. Dentro deste método o pesquisador deve levar em consideração o coletivo, a transformação da comunidade que nela está inserida e a contribuição social do meio.

Neste contexto metodológico, eu como professor de artes na sala de aula, terei a função de ser mediador durante todo o processo, possibilitando aos alunos um espaço de questionamentos sobre o desenvolvimento das ações propostas. Para iniciar elaborei duas aulas expositiva exemplificando cada uma das 05 vertentes dos elementos da cena teatral: 1 – cenografia, 2 – figurino, 3 – maquiagem, 4 – iluminação e 5 – sonoplastia, abordando o conceito de cada um dos seguimentos e mostrando exemplos práticos em vídeo na sala de aula, sanando as dúvidas que surgiram durante a aula.

Em seguida pedi para que os alunos pudessem formar grupos para cada vertente dos elementos cênicos e um grupo para quem estará na cena atuando, totalizando 06 grupos. Os alunos escolhem os integrantes de seus grupos por afinidade e ao final fiz o sorteio do tema. Na finalização da aula os grupos recebem o texto dramático proposto, neste caso selecionei o texto “A megera domada” de William Shakespeare com adaptação de Walcyr Carrasco para leitura em sala de aula e/ou como tarefa para casa, como já mencionado anteriormente.

Finalizando as aulas expositivas, elaborei duas aulas onde propus a turma jogos teatrais com base no livro “Jogos para atores e não atores” do dramaturgo Augusto Boal (2011), estes jogos foram escolhidos com base nas vivências em sala de aula, observando o comportamento da turma. É importante ressaltar que selecionei duas turmas totalmente distintas em relação a comportamento, o 8º ano 02 tinha alunos que praticamente não conversavam, quietos e que sempre estavam atentos na minha aula, esse comportamento até um certo momento é interessante porque eles realmente estão atentos, mas no momento em que faço alguma pergunta a turma, não recebo nenhuma respostas,tenho que ficar instigando para que eles possam se manifestar e expor suas opiniões e/ou dúvidas em relação aos assuntos abordados na aula, nesta turma utilizei o “Jogos de integração do elenco” (BOAL, 2011, p.95), atividade está “que ajudam as pessoas a aceitar a possibilidade de tentar ‘representar’ como no teatro; ajudam a perder a vergonha” (BOAL, 2011, p.95) .

Por outro lado, o 8ºano 03, uma turma agitada, que conversa bastante e que geralmente não presta atenção nas explicações da aula. São alunos que quando perguntados, se ariscam em uma resposta. Nesta turma precisei utilizar jogos que atentem para o desenvolvimento do foco dos alunos em relação ao assunto da aula, utilizei o “Exercícios de máscaras e rituais” (BOAL, 2011, p.97), onde os alunos

precisam manter o foco no “ator que começa a falar e a mover-se naturalmente e todos os outros procuram captar e reproduzir a sua máscara” (BOAL, 2011, p.97).

Finalizando os jogos teatrais retornamos para a formação dos grupos, planejei quatro aulas onde os alunos puderam se reunir e definir as estratégias para executar a atividade proposta, cada grupo ficou responsável por um elemento da cena que foi montada, sendo que a todo momento eu vou em cada grupo ouvi-los para saber os que eles estão planejando e instigando a definir no que realmente é necessário entrar na cena teatral.

Os alunos estipularam quais materiais são necessários para fazer o cenário, figurinos e maquiagem; o grupo de iluminação utilizou lanternas, levando em consideração que este grupo é responsável por tampar as janelas e porta afim de ficar escuro a sala de aula no dia da apresentação; o grupo de sonoplastia definiu os sons que estarão na cena e terão que fazer as devidas edições nos áudios, o equipamento de som será ofertado pelo professor ou a escola, no dia da apresentação.

Na data marcada da apresentação, os alunos tiveram 20 minutos para organizar a sala e os grupos de figurino e maquiagem utilizaram este tempo para caracterizar os alunos selecionados nos personagens que fizeram na cena. A apresentação teve o tempo estimado de 05 a 10 minutos, ressaltando que nem todos os alunos na sala estavam inteiramente focados em executar a cena, por isso tive que criar funções naquele momento para fazer com que todos participassem, como por exemplo, um aluno que segura a iluminação e direciona a luz no palco, ele esteve diretamente ligado na execução da cena e ao final, é o momento do bate papo sobre como foi feita a apresentação, levantando quais as dificuldades que eles encontraram e como foi solucionada, além de questionar como foi o processo de cada aluno, uns falaram e outros não quiseram manifestar a sua opinião.

A última ação que foi realizada pelo projeto de formação de leitores de espetáculos, foi a apreciação dos espetáculos teatrais: “Vestido de Noiva” do dramaturgo Nelson Rodrigues na montagem do Grupo Grutta Teatral e “Ninguém falou que seria fácil” do dramaturgo Felipe Rocha na montagem do Grupo Foguetes Maravilha, tais vídeos dos espetáculos estavam disponíveis em meu computador, integrando o acervo pessoal de peças teatrais.

Estes espetáculos foram escolhidos previamente por mim, pois já tinha familiaridade com as tais peças teatrais e já havia desenvolvido atividades em sala de

aula com os vídeos citados. Esta atividade, consistiu em uma pesquisa previa, inicialmente levar os estudantes a sala de teatro para que pudessem apreciar a obra teatral, presencialmente, mas no decorrer do projeto percebi que seria inviável a locomoção dos estudantes da sala de aula até o teatro, por dois motivos principais: primeiro não se tinha tempo hábil para tal ação, sendo que só tenho 01 aula semanal de 48 minutos com a turma e, em segundo, não obtive apoio de transporte na Secretaria de Educação do Estado do Amazonas – SEDUC, assim como, não tinha recurso financeiro para aluguel de ônibus para locomoção, tentei ainda apoio da Associação de Pais e Mestres da Escola Estadual Professora Alda Barata, mas a mesma não dispunha de valores significativos para o apoio.

Após estas tentativas frustradas de levar os alunos à sala de espetáculo, decidi fazer a exibição em sala de aula através de um projetor de vídeo (*data show*), material este já disponível para utilização na escola. Utilizei uma caixa de som e computador portátil de uso pessoal.

2 - CONHECENDO OS ELEMENTOS CÊNICOS E TRAÇANDO O PERFIL DOS ALUNOS DE 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA ALDA BARATA

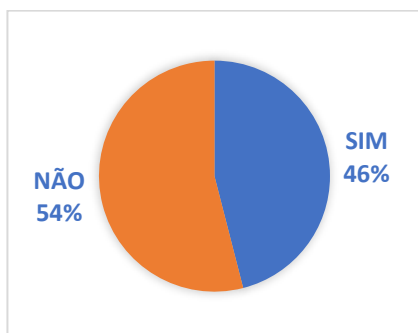
O ensino de artes na educação básica no Brasil, segundo o PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, prevê lecionar no que se refere a “observação, apreciação e análise das diversas manifestações de teatro. As produções e as concepções estéticas” (PCN, 1997), além de estimular a “compreensão, apreciação e análise das diferentes manifestações dramatizadas da região” (PCN, 1997). É previsto que o aluno da educação básica estude essas percepções artísticas para que tenha um bom desenvolvimento educacional na disciplina de artes e com essa base firme na educação básica que o PCN nos proporciona que podemos traçar um plano de estudos para cada série, introduzindo o aluno nas diversas vertentes artísticas, mas para que possamos iniciar os estudos é necessário conhecer o público: qual sua idade, seu sexo, onde mora e como são os contatos com o fazer artístico teatral dentro do contexto escolar.

Para o gestor cultural Taciano Soares (2021) em relação a importância de “pesquisar as indicações habituais de gosto dos frequentadores de teatro em Manaus, vem contribuir com a necessidade de percepção documental da relação entre a real democratização do acesso à cultura e a consideração dos fatores determinantes da escolha cultural” (p. 13), isso nos faz questionar qual é o perfil do aluno que frequenta as aulas de artes, como se relaciona e se já teve experiências artísticas dentro e/ou fora da sala de aula. Para isso apliquei um questionário de 10 questões onde posso traçar o perfil do aluno desta pesquisa. Tive como referencial o questionário desenvolvido dentro do projeto de extensão da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, coordenado pela professora doutora Eneila dos Santos e que tem como objetivo pesquisar a formação de leitores de espetáculos nas escolas públicas da cidade de Manaus-AM.

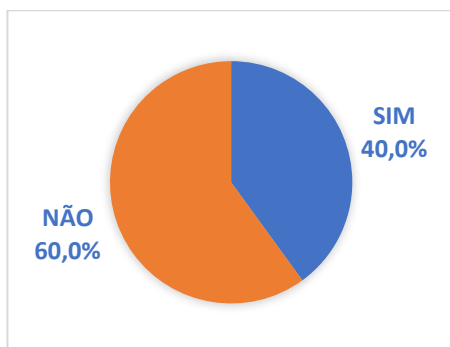
Dentro desta pesquisa observei as duas turmas de 8ª série do ensino fundamental II da Escola Estadual Professora Alda Barata (8º ano - turma 02 e 8º ano - turma 03), com total de 50 alunos que participaram respondendo o questionário, sendo 26 meninas e 24 meninos.

O resultado da sondagem do perfil ficou definido assim:

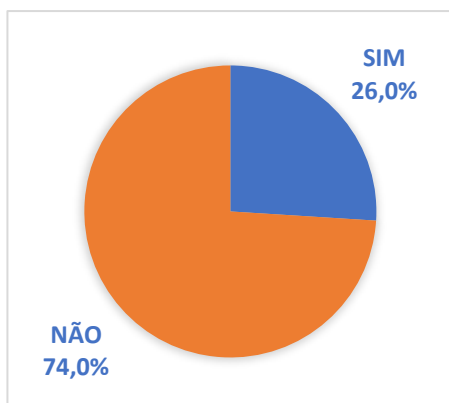
1 – Você recorda do nome do seu professor de artes?



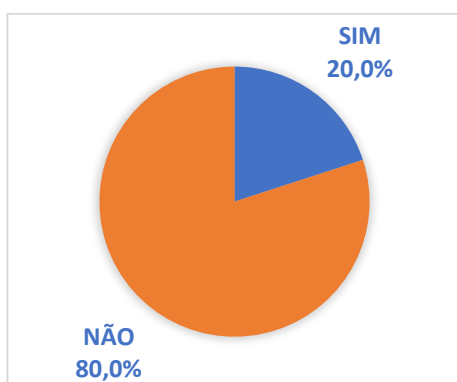
2 - Quantas vezes você já participou de atividades extraescolares?



3 - Essas experiências foram significativas?



4 - Houve um momento de preparo que antecedeu a saída da escola?



Foi perguntado também se no retorno a sala de aula foi desenvolvido alguma atividade prática ou teórica, 84% disseram que não tiveram atividades no retorno a sala de aula. Dentro da área teatral foi perguntado quais eram as experiências com a linguagem teatral no ambiente escolar, 56% dos alunos/alunas responderam que já tiveram contato com o teatro em sala de aula e 58% já assistiu um espetáculo de teatro fora ou dentro da escola, é um público expressivo diante dos 56% de pessoas que foram poucas vezes em espetáculos na cidade de Manaus, segundo Soares (2021, p. 132).

Em relação aos elementos cênicos teatrais (cenografia, figurino, sonoplastia, iluminação e maquiagem) foi perguntado se os alunos/alunas conheciam e, 64% sabem quais são esses elementos, mas 70% não sabem qual a função desses elementos na cena, ou seja, os alunos/alunas já viram em algum momento, mas não foi trabalhado como eles são utilizados, de forma a perceber que é necessário um estudo prático desses elementos cênicos em sala de aula, para que os alunos possam aprender qual suas reais necessidades na cena teatral.

Diante dessa fragilidade dos estudantes, de não compreenderem como esses elementos cênicos são inseridos na cena, então planejei uma atividade em sala de aula para que pudessem experimentar na prática esses elementos, dividindo em temas: 1 – cenografia, 2 – figurino, 3 – maquiagem, 4 – iluminação, 5 – sonoplastia. Pedi que formassem grupos, com base nas afinidades da turma e logo após realizei o sorteio do tema para os grupos e expliquei aos alunos como seria realizado o trabalho: a cada aula os grupos se reuniram para estudar a cena proposta e debater estratégias para execução da cena.

O texto dramático que trabalhei com os alunos foi uma indicação da professora de língua portuguesa que trabalhava comigo na escola, que em conversa informal, apresentou-me uma coleção de livros paradidáticos que acabara de chegar na escola para compor o acervo da biblioteca. Tinham dois livros que considerei relevante para esta pesquisa: o primeiro era o “Dom quixote de la mancha” de Miguel de Cervantes e “A megera domada” de William Shakespeare, ambos adaptado pelo dramaturgo brasileiro Walcyr Carrasco. Que neste caso o texto selecionado para ser estudado foi “A megera domada” William Shakespeare. Os alunos focalizaram nas indicações dadas pelo dramaturgo no texto para projetar cada elemento da cena, caso o autor não desse indicação, os estudantes têm a liberdade de criação. O texto proposto para a cena dizia:

(Interior da casa de Batista, em Pádua)

(Entram Catarina e Bianca, está com as mãos atadas e o vestido rasgado.)

BIANCA: Querida irmã, não me maltrate! Solte minhas mãos! Eu tiro meus enfeites, o vestido e até as anáguas. Faço o que mandar. Conheço meus deveres para com os mais velhos.

CATARINA: Diga qual pretendente é seu preferido! E não minta!

BIANCA: Acredite, minha irmã, ainda não conheci um homem que me atraia especialmente.

CATARINA: Fingida! Não é Hortênsio?

BIANCA: Se o ama, minha irmã, eu mesma prometo fazer tudo para que o conquiste!

CATARINA: Ah, então prefere um mais rico! Grêmio, que lhe proporcionará uma vida luxuosa!

BIANCA: Por causa dele me inveja? Catarina, é piada? Brincando... Percebo que o tempo todo estava brincando comigo! Solte-me as mãos.

CATARINA: (Bate em Bianca) Se isto é brincadeira, então o restante também foi!

(Entra Batista)

BATISTA: Que aconteceu? O que motivou essa grosseria?

Pobre menina, está chorando! (Batista desamarra as mãos de Bianca) Vá costurar. E você, Catarina, deixe-a em paz! Por que atormenta sua irmã, criatura infernal, se ela nunca lhe fez mal? Nunca lhe disse uma palavra ofensiva?!

CATARINA: Seu silêncio é suficiente para eu me sentir insultada! Quero me vingar!

(Catarina vai até Bianca, ameaçadora)

BATISTA:(Segura Catarina) Na minha frente? Bianca, vá para dentro. (Bianca sai)

CATARINA: Quanto a mim, não me suporta? Ela é o seu tesouro! Deve se casar logo! No dia de seu matrimônio, eu dançarei descalça para comemorar! Por que a idolatra tanto? E eu que vá pentear macacos no inferno! Não responda, papai! Vou para dentro chorar até a hora da vingança! (Catarina sai)

BATISTA: Há no mundo um homem que padece tanto como eu? Mas, quem está chegando?

(Entram grêmio, Lucêncio (vestido como homem de condição humilde, o professor câmbio) (CARRASCO, 2009, p.32)

Esta oficina de criação prática determina que “ser estudante na escola é ter sua subjetividade forjada pela reiteração dessas práticas no dia a dia” (OLIVEIRA, 2022, p.13), sendo importante para que os alunos pudessem perceber como se constrói e se executa uma cena teatral, tanto na interpretação dos atores/alunos como também na parte técnica, como o manuseio da iluminação, caracterização das personagens, composição de figurino e montagem da cenografia.

Para cada aula planejei e apresentei uma aula expositiva sobre cada elemento cênico, logo após a explanação os alunos se reuniam em grupos para que pudessem planejar as funções de cada integrante do grupo, tornando assim o processo colaborativo entre eles. Exemplo: na iluminação foi necessário, extensões elétricas, lâmpadas, lanternas e papel celofane para que eles conseguissem manipular a iluminação que a cena pedia. Cada aluno ficava responsável por trazer um item para compor a cena, enquanto outros eram responsáveis por manipular esses materiais, como por exemplo o grupo de iluminação que determinou que três componentes iriam se encarregar de levar para a escola as lanternas e dois componentes ficaram responsáveis pelo manuseio durante a cena, no dia da apresentação os alunos que se propuseram levar o material se colocavam no papel de espectadores.

As divisões de funções aconteceram em todos os grupos, dessa forma os alunos trouxeram o material necessário sem que os prejudicassem financeiramente, pois nem todos os alunos dispõem de recursos financeiros disponíveis para comprar o

material, assim fazendo o reaproveitamento e utilizando os que a escola disponibilizava.

Pela minha experiência adquirida em sala de aula, a cena deve ser curta e com no máximo três personagens, caso contrário, com uma cena extensa e com muitos personagens, talvez não seja viável dentro dos quarenta e oito minutos de uma aula semanal. Consciente destes horários de aula, os alunos fizeram reuniões nos grupos e ensaios com os elementos cênicos para experimentar o comportamento de cada um deles na cena.

Cada grupo ficou responsável pela pesquisa e execução do elemento cênico do seu grupo, como por exemplo o grupo de cenografia ficou encarregado de projetar a cenografia da cena e trazer o material para construção dela em sala de aula, durante as reuniões dos grupos eu precisava está presente para acompanhar o processo criação e discursões sobre a dramaturgia proposta e ajudá-los na organização e planejamentos das ações dos grupos para que no dia da apresentação estivesse tudo preparado.

Dentro das quatro semanas de preparação (sendo 01 aula semanal), eu observava o comportamento dos alunos durante a aula, verificando se eles estavam debatendo sobre o texto, falando sobre a cena e determinando funções para a execução de cada elemento cênico, muitas das vezes surgiram conversas que dispersavam os grupos, neste momento eu me aproximava e perguntava o que eles já haviam decido e como eles iriam colocar em prática o que estavam me falando, além de informar que aquele processo ao qual eles estavam participando seria contabilizada como avaliação bimestral, e não esquecendo que a minha função dentro deste processo é acompanhar o desenvolvimento da atividade, sanando as dúvidas e dando soluções para eventuais problemas que possam surgir, como por exemplo: para o grupo de iluminação foi necessário tampar todas as entradas de luz, janelas e portas, para que a luz cênica tivesse efeito; para o grupo de cenografia foi necessário adaptar mesas e cadeiras para que ambientasse o espaço da cena.

É chegada o tão aguardado momento, o dia da apresentação da cena teatral. Neste dia, dei 10 minutos para que os grupos de cenografia, iluminação e sonoplastia organizaram os materiais trazidos para a sala, enquanto os grupos de figurino e maquiagem produzissem os alunos que se disponibilizaram a atuar na cena. Finalizando a organização da sala de aula e a maquiagem dos atores/alunos,

posicionei os alunos/iluminadores que se dispuseram a executar a iluminação e verifiquei se o aluno/sonoplasta estava preparado para o início da cena. Com tudo organizado dei início a apresentação na contagem regressiva, 3... 2... 1... já (início da cena). Na execução prática da cena proposta, os alunos não são obrigados a decorar texto, pois foi feita uma leitura dramática³, ou seja, os alunos podem ficar com o texto em mãos durante toda a encenação.

3 – ANOTAÇÕES SOBRE OS ESPETÁCULOS TEATRAIS: “VESTIDO DE NOIVA” E “NINGUÉM FALOU QUE SERIA FÁCIL”

No início desta pesquisa estava previsto a apreciação do espetáculo teatral presencial, mas no desenrolar das ações foram priorizados os espetáculos em vídeo para que o processo pudesse ser concluído dentro do tempo estipulado do curso de mestrado do ProfArtes, que são de dois anos.

Nesta última etapa da formação teatral, foi necessário o planejamento junto a escola para estender os tempos de aula com as turmas, só assim conseguiria exibir os vídeos dos espetáculos teatrais selecionados previamente. Primeiramente entrei em contato com a pedagoga da escola que prontamente marcou uma reunião com o gestor para definirmos como funcionaria o dia da apreciação teatral. O gestor conciliou minha atividade com um evento que iria ocorrer no mesmo dia na escola, deixando em sala de aula somente as duas turmas no qual estavam participando desta pesquisa.

Os tempos de aula da escola são definidos da seguinte forma: inicia às 13hs o primeiro tempo, às 13:48 o segundo e às 14:36 o terceiro, das 15:25 até as 15:40 intervalo e neste horário já se inicia o quarto tempo e às 16:27 o quinto, finalizando a aula as 17:15. Seguindo esse horário de aula, ficou determinado que os três primeiros tempos antes do intervalo ficaria com a turma do 8º ano 02 e nos dois últimos tempos com a segunda turma, 8º ano 03. Foi necessário também conversar com as professoras dos tempos cedidos e como estávamos em finalização do quarto bimestre de 2022, as professoras disponibilizaram com facilidade o seu horário de aula, pois já

³ A leitura dramática é a apresentação, em voz alta, de uma peça teatral. é uma prática cênica, comum na área do teatro. Essa leitura exige interpretação, especialmente, pelo uso da voz.

havam terminado suas avaliações bimestrais, caso contrário teria que negociar com as professoras e o gestor os tempos para realização da minha atividade.

Depois de fazer um alinhamento com a escola, foi necessário fazer um planejamento de como seria essa apreciação do espetáculo teatral, em vídeo, dentro de sala de aula. Primeiramente teria que selecionar quais cenas seriam exibidas aos alunos das duas peças teatrais, pois mesmo com os horários cedidos não teria tempo para assistir todo o espetáculo, sendo que o vídeo de “Vestido de Noiva” de Nelson Rodrigues, nesta montagem do Grupo Grutta Teatral possui 01 hora 02 minutos e 13 segundos e o vídeo de “Ninguém falou que seria fácil” do dramaturgo Felipe Rocha na montagem do Grupo Foguetes Maravilha possui 01 hora 38 minutos e 17 segundos, sendo que cada turma teria que assistir e analisar os dois vídeos. Determinei então que colocaria primeiramente os 40 minutos do vídeo 01, “Vestido de noiva”, no início da aula para o 8º ano 02 e logo em seguida o vídeo 02, “Ninguém falou que seria fácil”, com mais 40 minutos, o restante do tempo os alunos terminariam as anotações para me entregar no final da aula. Já no 8º ano 03 que são os dois últimos tempos, eu só exibiria somente 30 minutos de cada vídeo, deixando o restante do tempo para finalização das anotações.

Antes de iniciar a exibição dos vídeos, coloquei no quadro as seguintes informações para que os alunos anotassem e entregassem ao final da aula:

Atividade de Artes

1º vídeo

Nome do Espetáculo Teatral: Vestido de Noiva

Dramaturgo: Nelson Rodrigues

Elementos Cênicos

Cenografia:

Figurino:

Iluminação:

Maquiagem:

Sonoplastia:

2º vídeo

Nome do Espetáculo Teatral: Ninguém falou que seria fácil

Dramaturgo: Felipe Rocha

Elementos Cênicos

Cenografia:

Figurino:

Iluminação:

Maquiagem:

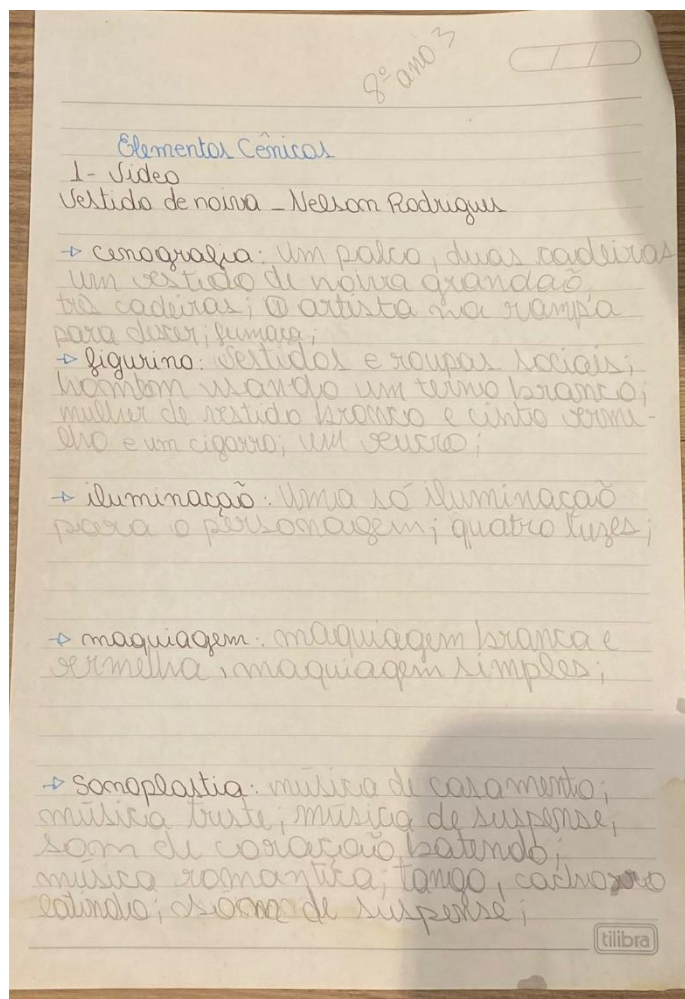
Sonoplastia:

Expliquei que eles deveriam observar cada item durante a exibição do espetáculo, de como cada elemento se apresentava na cena e como cada peça teatral os utilizavam. Durante a fruição, tinha momentos que alguns alunos perguntam sobre o que eles estavam vendo nas cenas, neste momento eu parava a exibição e tinha um momento de conversa sobre a cena que estava sendo exibida, como por exemplo: no vídeo “ninguém falou que seria fácil” na cena em que a criança Marina, interpretada por um ator, entra em cena e depois de alguns segundos beija a atriz que faz a Ana, mãe da criança, neste momento os alunos ficaram confusos e não entenderam a cena que estavam vendo. Logo perguntaram “Como assim, professor? Ele tá fazendo a filha e entrou e beijou a mãe?”, neste momento parei o vídeo e expliquei que neste tipo de teatro que podemos considerar de contemporâneo, onde os atores podem se distanciar das personagens e assumirem sua identidade de ator e continuar a cena, voltando para a personagem logo em seguida, ou seja, o ator sai da personagem, beija a atriz e logo depois retoma a persona. Existe essa possibilidade dentro do teatro.

Em um outro momento durante o “Vestido de Noiva”, uma aluna pergunta “Professor, esses personagens com leque são narradores?”, mais uma vez parei o vídeo e expliquei que no teatro existem personagens “coringas” que podem assumir vários personagens durante a cena, exemplifiquei utilizando as cartas de baralho, onde a carta coringa assume o lugar de qualquer carta.

Fato interessante que ocorreu no 8ºano 02, durante os dois vídeos, em comparação com o 8ºano 03, foi a turma que mais questionou sobre a cena, essa turma é tranquila de comportamento e que quase não manifestam opiniões verbalmente. Finalizando a exibição, recolhi as anotações dos alunos e diante tantas anotações, selecionei uma análise de um aluno ou aluna do 8º ano 03 que não se identificou:

Figura 1 – Anotações de um aluno ou aluna durante a exibição dos espetáculos teatrais em vídeos na sala de aula.



Nas observações anotadas observei que alguns foram minuciosos nos detalhes de cada elemento na cena, outros ainda timidamente não conseguiram colocar no papel o que estavam presenciando diante os seus olhos. Em uma visão geral os alunos conseguiram observar e identificar cada elemento compondo o espetáculo, mas para que pudesse efetivamente realizar uma formação de espectador dentro desse contexto escolar, os alunos precisariam estar familiarizados com a linguagem do teatro, que foi a motivação inicial desta pesquisa, como não consegui realizar essa formação deste espectador, optei por fazer essa formação teatral com essas duas turmas de 8º ano da Escola Estadual Professora Alda Barata. O caminho foi tortuoso, mas gratificante com as fruições e diálogos deste processo.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo inicial a formação de leitores de espetáculos teatrais na Escola Estadual Professora Alda Barata, junto a duas turmas de 8º ano do ensino fundamental II. No entanto, durante o decorrer da pesquisa, foi necessário formatar uma formação teatral que contemplasse tanto a formação de leitores quanto a montagem da cena teatral no ambiente escolar.

A pesquisa-ação, me permitiu como professor atuar como pesquisador, mostrou que a exposição das turmas a obras teatrais e o estudo dos elementos cênicos conduziu a uma montagem escolar bem-sucedida, apesar do pouco tempo disponível em sala de aula para desenvolver as ações propostas por esta pesquisa. Além disso, o processo de formação de espectadores, neste caso, ressoou positivamente no cotidiano dos estudantes, o que sugere que a escola pode desempenhar um papel importante na formação de futuros leitores de espetáculos teatrais.

A pesquisa mostrou ainda que a escola é um espaço de conhecimento e experimentação artística que pode contribuir para a formação integral dos estudantes. No caminho percorrido por esta pesquisa enfrentamos, dentro de um contexto de pandemia, aulas on-line, onde a distância fez com que procurasse estratégias como videoaulas e estudos direcionados com texto e vídeos, para assim continuar o processo formativo, além de não poder levar os alunos ao teatro, momento este importante dentro da pesquisa e que não pôde ser concretizado.

Os alunos, durante a formação, ao estudarem as obras teatrais e se envolverem na montagem escolar, os estudantes ampliaram sua compreensão e fruição das artes cênicas, o que pode ter impacto positivo em suas vidas para além da escola.

Em resumo, este estudo demonstrou que a escola é um ambiente fundamental para a formação de futuros espectadores de teatro, e que a pesquisa-ação é uma metodologia efetiva para estudar e compreender esse processo, pois ao mesmo tempo que desenvolvia a pesquisa, eu também fiz parte daquele ambiente, tendo que em determinados momentos ter um distanciamento para análise e relatos das situações e acontecimentos. A montagem escolar, como resultado dessa pesquisa e dentro do contexto enfrentado durante o processo, foi satisfatório e demonstrou a

importância da escola como espaço de conhecimento e experimentação artística, além da importância da formação teatral para o desenvolvimento integral dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no ensino da arte (org.) 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BOAL, Augusto. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOAL, Augusto. O teatro do oprimido. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- BORNHEIM, Gerd Alberto. Brecht: A estética do teatro. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- BRECHT, Bertolt. Estudos sobre teatro - coletados por Siegfried Unseld; tradução de Fiana Pais Brandão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- CALABRESE, Omar. Como se lê uma obra teatral. Agência Literária Eulama S. r. l., 1993.
- CARRASCO, Walcyr. A megera domada / William Shakespeare; tradução e adaptação de Walcyr Carrasco; ilustrações Anna Anjos. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2009.
- DESGRANGES, Flávio. Instâncias da relação entre teatro e público: o espectador como participante do ato teatral. Revista Urdimento, Florianópolis, v.3, n.36, p. 85-95, nov/dez 2019.
- DESGRANGES, Flávio; SIMÕES, Giuliana. O ato do espectador: perspectivas artísticas e pedagógicas. 1ª ed. – São Paulo: Hucitec, 2017.
- DESGRANGES, Flávio. Pedagogia do teatro – Provocação e dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2011.
- GEERTZ, Clifford. O saber local – Novos ensaios em antropologia interpretativa: tradução de Vera Joscelyne. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Adriana Silva. Pedagogia das artes cênicas [recurso eletrônico]: múltiplos olhares / organização Maria Lúcia de Souza Barros Pupo e Verônica Veloso. São Paulo: ECA-USP, 2022.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

ROSENFELD, Anatol. O teatro Épico. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

SOARES, Taciano. Públicos do teatro em Manaus. 1ª ed. – Espírito Santo: Editora Diversa, 2021.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro – [tradução e revisão Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos]. São Paulo: Perspectiva, 2010.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 16ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOIÂNIA. Secretaria Municipal de Educação. Aprender sempre. 5º. Ano – Ensino Fundamental; Língua Portuguesa e Matemática; 2º. Bimestre; Goiânia, 2022.

Disponível em:

https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/lingua-portuguesa-leitura-dramatica/